



1) Identificação

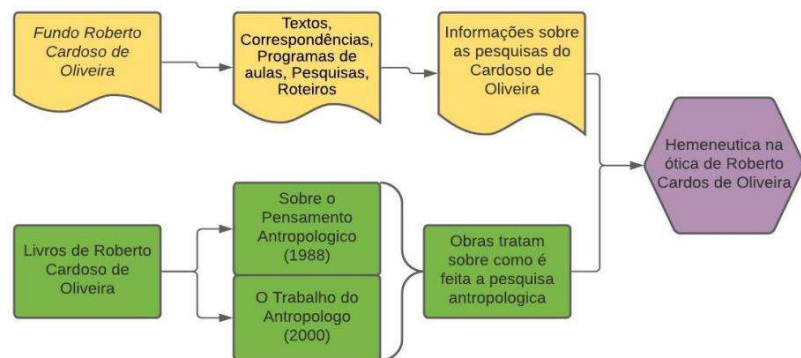
O Projeto: Entre a Antropologia, a Filosofia e a História: uma análise da perspectiva teórica de Roberto Cardoso de Oliveira. **Bolsista:** Kaléo de Oliveira Tomaz (RA: 31706381). **O Orientador:** Christiano Key Tambascia. **Local de execução:** Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) **Vigência:** 2019/2020

2) Introdução

Este texto foi produzido a partir do relatório final de todo processo de iniciação científica, fruto das reflexões que tive durante todo o período de doze meses em que desenvolvi o projeto. Pretendo neste resumo descrever as diversas discussões e resultados que foram alcançados durante o desenvolvimento do projeto: **“Entre a Antropologia, a Filosofia e a História: uma análise da perspectiva teórica de Roberto Cardoso de Oliveira”**. Ao total foram 4 os temas que emergiram do processo de pesquisa. O primeiro foi decorrente de uma necessidade de compreender em que campo de debates Roberto Cardoso de Oliveira (1928-2006), um dos grandes responsáveis pela criação dos primeiros programas de pós-graduação em antropologia no Brasil e um dos proponentes do Doutorado em Ciências Sociais da Unicamp, buscava situar-se ao refletir sobre hermenêutica e metódica (ou seja, recuperando um debate filosófico para refletir sobre a prática antropológica). Uma segunda é mais precisamente sobre como Roberto Cardoso de Oliveira logrou realizar isso. A terceira está ligada à como esta sua posição influenciava a maneira pela qual ele enxergava a história da Antropologia. Como quarto tema, pretendo discorrer brevemente sobre uma concepção bem marcada do autor sobre uma discordância que este tinha com relação ao pós-modernismo em Antropologia.

3) metodologia

A pesquisa tinha por objetivo inicial analisar uma parte importante da obra de Roberto Cardoso de Oliveira. Mais precisamente, o projeto tinha por interesse estudar como este autor entendia o lugar do debate sobre a Hermenêutica na Antropologia. Para tanto, inicialmente, foram traçados dois caminhos principais: o primeiro era a análise de dois livros de Roberto Cardoso de Oliveira, sendo o primeiro “O Trabalho do Antropólogo” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000) e o segundo “Sobre o Pensamento Antropológico” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988). Já o segundo caminho era a análise dos documentos de seu acervo pessoal, o fundo Roberto Cardoso de Oliveira, que está presente no AEL da Unicamp, para onde ele doou material, tanto de pesquisa quanto institucional, que juntou durante a vida. Esta última parte foi a mais atingida pela Pandemia de Covid-19. A necessária política de isolamento social no meu caso também significou o fechamento do Arquivo, o que me impossibilitou de ter acesso aos documentos por períodos mais extensos de análise, como inicialmente planejado.



Porém, embora tenha ocorrido o impedimento parcial de ir observar a documentação tratada, não houve uma restrição total para a efetivação do projeto. A visita ao arquivo sempre foi vista nesse projeto como objetivo secundário da pesquisa, servindo principalmente como aprofundamento do arcabouço teórico-metodológico da pesquisa. É preciso dizer que, apesar de breve, a pesquisa que consegui estabelecer com alguns documentos do acervo, mas sobretudo a própria experiência da pesquisa no arquivo, foram fundamentais para começar a traçar os estudos de certos autores que impactaram o pensamento de Cardoso de Oliveira, como Hans-Georg Gadamer (1900-2002), Paul Ricœur (1913-2005) e Wilhelm Dilthey (1833-1911).

4) As discussões

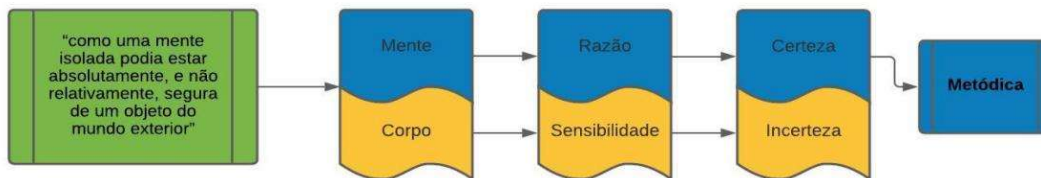
4.1) Recapitulação histórica da Hermenêutica e da Metódica

Durante minhas interações com as obras de Cardoso de Oliveira percebi que a aplicação que este faz da Hermenêutica no seu trabalho antropológico está ligada com a sua maneira de considerar a importância de uma discussão sobre método na pesquisa científica. Para ser mais específico, a relação entre Hermenêutica e Metódica, para o autor, é fundamental para compreender como este interpreta a



própria possibilidade de entendimento do pesquisador. Faço então o estudo dessa relação por meio de um estudo histórico do desenvolvimento desses dois modos de interpretação.

Início minha pesquisa pelas obras de Bruno Latour (LATOURE, 2001) e de Paul Rabinow (RABINOW, 1999,) que buscaram compreender como o processo de constituição do pensamento científico moderno. Estes autores apontam para a importância de dois filósofos na construção da noção da Metódica. O primeiro seria René Descartes (1596–1650) que, segundo Latour, parte de uma questão fundamental para esse pensamento e que ele caracteriza com uma imagem evocativa: “como uma mente isolada podia estar absolutamente, e não relativamente, segura de um objeto do mundo exterior” (LATOURE, 2001, p. 16). Desta forma, ao separar a mente do corpo, de maneira a indagar como é possível que a impressão sobre o mundo corresponda de fato à realidade, Latour afirma que Descartes dá início a uma jornada na qual todo o processo de entendimento desse mundo provém de alguns pressupostos sobre o pensamento científico, que ele exemplifica pela metáfora de “um cérebro extirpado”. Em outras palavras, o que René Descartes realiza em sua percepção racionalista sobre a possibilidade do conhecimento científico é colocar em dúvida a sensibilidade - manifesta no e pelo corpo – e reafirmar a racionalidade – manifesta pela ideia de “mente” – como melhor caminho para se compreender a realidade.

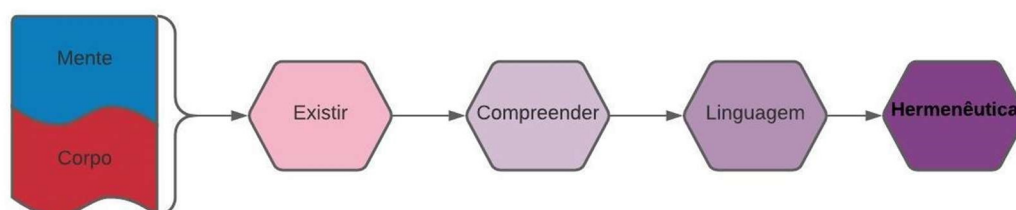


Por outro lado, Paul Rabinow prefere privilegiar a participação de Immanuel Kant (1724-1804) como figura central nesta arqueologia do pensamento moderno, uma

vez que o filósofo alemão é considerado o responsável pela consolidação de importantes reflexões sobre as noções de categorias mentais, e deu início a uma nova disciplina filosófica, a epistemologia, como sendo a base de uma “teoria da compreensão” adequada (RABINOW, 1999, p. 72–73). Contudo, Paul Rabinow também argumenta que “embora os departamentos de filosofia continuem a ensinar epistemologia, existe uma contra-tradição no pensamento moderno que seguiu outro caminho” (RABINOW, 1999, p. 73–74). Esta contra-tradição foi denominada e é amplamente conhecida como Hermenêutica.

Jean Grondin escreveu uma excelente obra sobre Hermenêutica e pode nos dar algumas pistas para tornar mais clara esta questão: em seu livro “Hermenêutica” (GROUNDIN, 2012) o autor busca fazer uma reflexão introdutória sobre o tema para aqueles que pretendem ingressar no estudo dessa contra-corrente do pensamento filosófico. Segundo Grondin, autores como Martin Heidegger (1889-1976) e, principalmente, Hans-Georg Gadamer (1900-2002) buscaram se aprofundar no próprio “processo compreensivo” e na própria existência, que é a base de toda a compreensão. Para estes autores, o processo de se compreender não se dá em uma sistematização metódica, mas é fruto da própria existência no mundo. Se para Descartes havia um “cérebro extirpado” que precisava de sistematizações, categorias e regras para compreender o mundo, na Hermenêutica Filosófica “existir” significa compreender. Portanto, o “cérebro” teria de estar no mundo que pretende compreender, caso contrário ele mesmo não existiria. Mas o mais importante a ser destacado nessa reflexão da história das ideias é, a meu ver, o lugar que a linguagem assume na análise filosófica, o que é evidente sobretudo na obra de Gadamer. Afinal, é na linguagem que a compreensão dos objetos se perfaz. Desta forma, como se pode

perceber na reflexão de Gadamer sobre a linguagem, ou, para introduzirmos a contribuição de Roberto Cardoso de Oliveira ao debate, é no discurso que se encontra a possibilidade da compreensão.



4.2) Roberto Cardoso de Oliveira: entre dois caminhos

Roberto Cardoso de Oliveira trabalha a relação entre Hermenêutica e antropologia tendo como uma das principais bases a obra do hermeneuta Paul Ricœur (1913-2005). Tanto o antropólogo aqui estudado quanto o hermeneuta que lhe serviu de referência buscaram encontrar uma saída intermediária



entre a Metódica e a Hermenêutica. Para que eu pudesse entender exatamente qual era a questão que relacionava a perspectiva de ambos os autores me foi necessário antes entender qual, na opinião destes autores, eram as diferenças dos conceitos de “Interpretação”, “Explicação” e “Compreensão”. Para tal, busquei no texto “Expliquer et comprendre” (RICŒUR, 1977), – referenciado pelo próprio Cardoso de Oliveira – e no texto “O lugar - e em lugar - do método” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, cap. 4) elementos para diferenciar esses conceitos.

O termo “Interpretação” é apresentado pelos dois autores como a maneira pela qual um indivíduo entende aquilo que pretende conhecer. A introdução deste conceito me ajudou a observar como o debate entre a Metódica e a Hermenêutica pode ser visto como uma discussão entre duas formas de interpretação diferentes. De um lado haveria a Metódica, que está intimamente ligada à explicação (interpretação-explicação), e de outro a Hermenêutica, que está ligada à compreensão (interpretação-compreensão). Isto porque citando o próprio Roberto Cardoso de Oliveira, a explicação seria, “lato sensu, o estabelecimento de conexões causais e funcionais capazes de serem traduzidas em proposições” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 81). Em outras palavras, explicar seria a busca por encontrar regras e proposições para entender um dado objeto. Já a compreensão estaria direcionada a entender o objeto pelos conhecimentos que o sujeito que compreende já adquiriu disciplinadamente em seu “itinerário acadêmico” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 19), em seus estudos formais.



Tendo isso em vista, Cardoso de Oliveira apresenta a percepção de que a interpretação se dá sempre dentro de um processo. Neste, tanto a Interpretação-compreensão como a Interpretação-explicação estão relacionadas. Em um primeiro momento, o pesquisador, e neste caso o antropólogo, quando se aproxima de seu “objeto” de pesquisa, o observa com uma “compreensão ingênua”. Isto porque não o conhece, mas se relaciona com ele somente pela “visão domesticada” que é carregada de uma série de pré-noções. Então as informações retiradas desse primeiro contato são submetidas à Metódica e, portanto, à Interpretação-explicação. Isso ocorre porque o método é capaz de encontrar regras e normas,

visto que está voltado à formação de certezas. O pesquisador tem aqui a possibilidade de retirar novos elementos, dados e informações do objeto pesquisado. Como resultado temos então a possibilidade de formação de uma “compreensão sábia”, como propõe Cardoso de Oliveira.



4.3) As matrizes da Antropologia

As consequências práticas de como o autor aqui estudado pensava a prática antropológica talvez estejam mais claras em seu livro “Sobre o pensamento antropológico” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988). Ao se fazer um recorte dos 4 primeiros capítulos do livro torna-se necessário compreender dois importantes conceitos. O primeiro é o conceito de “Paradigma”, já o segundo é o conceito de “Matriz”. Para Cardoso de Oliveira, a noção de paradigma é vista como algo além de uma “tradição” ou corrente na Antropologia, é a maneira como um determinado grupo de antropólogos mobiliza uma série de categorias analíticas para formar suas teorias em um determinado estudo. Porém, nas ciências humanas, ao contrário do que ocorre nas ciências naturais, esses paradigmas não se excluem no tempo. Enquanto na física o paradigma Newtoniano é sucedido pelo paradigma Einsteiniano, na Antropologia, o paradigma estrutural-funcionalista não exclui o paradigma racionalista. Isto porque nas ciências humanas, e em especial na Antropologia, todos os paradigmas trabalham em conjunto, mesmo que havendo uma tensão ou oposição entre elas. Estariam todos assim conectados com uma “Matriz disciplinar” que unifica e compatibiliza as diferentes mobilizações categoriais (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, cap. 1, pg. 15-16). No caso da Antropologia, para encontrar a matriz disciplinar o autor utiliza dois conceitos: O **Tempo**, e a **Tradição**. Ele subdivide cada um desses conceitos-base em dois outros subconceitos, sendo o Tempo dividido em **Sincronia e Diacronia**; já a tradição ele subdivide entre **Intelectualista e Empirista**. A partir



dessa diferenciação, o autor desenvolve uma Matriz geométrica que sistematiza, explica e simboliza a própria matriz disciplinar da Antropologia (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p. 16).

Após apresentar estes conceitos, Roberto Cardoso de Oliveira passa para uma análise mais profundada dos quatro paradigmas que para ele estão presentes na matriz antropológica. Essa poderia ser dividida em quatro paradigmas: (I) Paradigma racionalista; (II) Paradigma funcional-estruturalista; (III) Paradigma-culturalista; (VI) Paradigma Hermenêutico. O autor passa então a contar a história de cada uma dessas correntes de entendimento para justificar sua aglutinação. Não pretendo aqui narrar todos os passos que Cardoso de Oliveira desenvolve, mas apenas explicitar que existe um argumento central para essa aglutinação. Ele a faz através de um mapeamento de categorias comuns a cada um desses grupos e como elas são utilizadas discursivamente para justificar uma maneira de se fazer pesquisa. Primeiro ele demonstra como a própria noção de “Categoria” – como algo que media e unifica o entendimento – é utilizada no discurso dos membros do Paradigma racionalista para justificar a composição de uma ciência chamada Antropologia. O autor prossegue mostrando como a categoria “Casualidade” é importante para o discurso do paradigma funcional-estruturalista fundamentar o estudo das justificações de existência, criação e consolidação de uma cultura. E por fim, Cardoso de Oliveira busca demonstrar como as categorias de “desordem”, “subjetividade”, “individualidade” e “história” são mobilizadas para justificar o discurso do paradigma hermenêutico em suas pesquisas voltadas às mudanças culturais, as diferentes vozes textuais e a valorização do lugar social do antropólogo.

	Tradição	Intelectualista	Empirista
Tempo			
Sincronia		Paradigma Racionalista	Paradigma Estrutural-funcionalista
Diacronia		Paradigma Hermenêutico	Paradigma culturalista

Representação da matriz geométrica feita por Roberto Cardoso (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p. 16)

O que pude perceber aqui é que Cardoso de Oliveira, durante seu processo de feitura de uma “[...] etnografia, obviamente incompleta, das comunidades de pensamento antropológico [...]” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p. 17), incorre em três movimentos. O primeiro é encontrar uma maneira de sistematizar algo volátil como a história da disciplina, ação compatível com uma interpretação-explicativa. O segundo segue na busca de decifrar o significado discursivo utilizado pelos paradigmas para justificar suas pesquisas e para se manterem em um todo coeso, questão advinda de uma interpretação-compreensão. Por fim, é visível uma busca pela unificação da disciplina, pois esta, mesmo dividida pelos seus próprios paradigmas, ainda estaria unida pelo propósito central, o de gerar uma interpretação dos diferentes grupos sociais.

4.4) A Hermenêutica intersubjetiva e os pós-modernos

Agora passo a me concentrar em uma questão que me chamou muito a atenção no início da minha leitura das obras do autor. Me refiro especificamente a uma discordância explícita de Roberto Cardoso de Oliveira com uma perspectiva reflexiva contemporânea que chamava de “pós-moderna” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, pp. 65, 68, 80-81, 95, 106). Contudo, para compreender a divergência que o antropólogo delineou em relação a esse debate, terei de fazer uma breve explanação sobre o chamado paradigma hermenêutico no qual se situaria o pós-modernismo.

No capítulo 4 do livro “Sobre o pensamento antropológico” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988) está presente uma análise profunda sobre o que, na visão de Roberto Cardoso de Oliveira, formaria o discurso do paradigma hermenêutico. Porém, antes do autor tratar propriamente deste assunto, ele volta seu olhar para a matriz disciplinar e passa a analisar os demais paradigmas – racionalista, estrutural-funcionalista e culturalista. Estes teriam sido muito marcados pelos ideais iluministas. Neste sentido, os autores que se encaixariam nessas tendências teriam buscado encontrar certa “ordem social” dentro dos grupos e arranjos sociais que estudavam. A escrita monofônica, na qual a voz do antropólogo é predominante, caracteriza a intenção de garantir cientificidade e objetividade para a pesquisa científica. Portanto, havia uma busca pela domesticação daquilo que poderia ser desordenado dentro de suas pesquisas (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p. 94). Em oposição a estes paradigmas, o grupo hermenêutico faria uma radical cisão com os ideais iluministas, ou ao menos com aqueles que isolavam a presença dos pesquisadores do sistema de pesquisa. Para Cardoso de Oliveira, o paradigma hermenêutico teria o objetivo de introduzir a “desordem” dentro da matriz antropológica, atualizando-a na corrente filosófica hermenêutica. Esta “desordem” teria se manifestado principalmente pelo foco que passou a ser dado a observação da mudança social nos grupos pesquisados. Além disto, deu-se luz ao fato de que o



antropólogo, ao entrar em contato com seu grupo pesquisado, acabava por atuar sobre esse próprio grupo. Ademais, admitiu-se que o próprio pesquisador é carregado de vieses, que invariavelmente incidiam sobre sua análise. A admissão de todas estas questões adicionava a Antropologia uma “desordem” que abalava a cientificidade e objetividade que era tão cara aos outros paradigmas. Haveria neste último paradigma a criação de uma tensão com os demais, devido à cisão com o iluminismo. Porém, essa ruptura com as ideias clássicas não gerou fragmentação na Antropologia. Isto foi possível, na visão de Cardoso de Oliveira, visto que as categorias do paradigma hermenêutico seriam na verdade uma “reinterpretação” daquilo que seria desordenado (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p. 97). Isto permitiria que a “desordem” fosse, por um lado, adicionada à matriz, mas por outro, não rompesse com ela.

Para argumentar sobre essa unidade tensionada, como a chamo, Cardoso de Oliveira passa a tratar sobre as categorias do paradigma hermenêutico. Não acredito que me caiba neste breve texto explicar cada uma destas categorias, porém, quero focar minha análise em apenas uma, a intersubjetividade. Afirmei acima no texto que na visão do autor existe uma “domesticação do olhar” do antropólogo quando este vai a campo. Esta domesticação se dá por meio de uma gramática disciplinar que é passada a todos os estudantes em suas formações. É exatamente essa gramática comum que fundamentaria a intersubjetividade e que permite que os paradigmas, mesmo com suas diferenças categoriais e discursivas, estejam unidos dentro da matriz antropológica, conferindo a ela o status de ciência única. A intersubjetividade é construída por meio de uma relação entre sujeitos, porém a interpretação-compreensão destes não está presa a seus próprios subjetivismos, mas precisa se sujeitar à gramática comum intersubjetivamente construída pela comunidade disciplinar, sob pena de não ser mais Antropologia (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 31, 89–90). Os pós-modernos que Roberto Cardoso de Oliveira critica são exatamente aqueles que negam essa intersubjetividade. Estes teriam desprezado a “necessidade de controle dos dados etnográficos”, que é feita pela intersubjetividade. Assim, o pós-modernismo teria seu caráter “perverso” decorrente de uma ruptura feita com a matriz antropológica. Diferentemente dos membros do paradigma Hermenêutico, os pós-modernos teriam tensionado tanto a matriz disciplinar a ponto de romper com ela. A crítica aos pós-modernos, a meu ver, ao mesmo tempo que foca naquilo que rompe com a Antropologia, ressalta exatamente a unidade da disciplina que o pesquisador afirma existir.

5) Conclusão

Espero ter sido capaz, nesta breve reflexão, de fazer uma síntese dos principais temas estudados durante meu processo de pesquisa. Como afirmei no início, almejava estudar qual era a visão de Cardoso de Oliveira sobre a relação entre Hermenêutica e Antropologia. Para tanto, me pareceu fundamental entender as correlações existentes entre Metódica e Hermenêutica, entre as matrizes e os paradigmas da disciplina ou sobre o que o autor considerava como pós-modernismo e as razões pelas quais essa perspectiva diverge da sua própria posição em relação a uma reflexividade sobre o próprio fazer científico e a produção do conhecimento. Para o autor, a Antropologia deve ser concebida como um esforço coletivo, como uma comunidade de produção de conhecimento. Além disso, considera que uma etnografia, uma resenha, uma coleção de documentos ou qualquer outro papel pertencente à disciplina, é parte da construção de uma linguagem e de uma gramática comum a todos os antropólogos. E por fim, que todos aqueles que estão inseridos na história dessa disciplina devem estar dispostos a fazer parte da construção dessa comunidade científica.

6) bibliografia

GROUNDIN, J. **Hermenêutica**. 1 ed ed. SAO PAULO - SP: Parábola Editorial, 2012.

LATOUR, B. **A Esperança de Pandara**. Bauru: Edusp, 2001.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. de. **Sobre o pensamento antropológico**. 1 ed. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. de. **O trabalho do antropólogo**. 2 ed ed. SAO PAULO - SP: Unesp, 2000.

RABINOW, P. **Antropologia da Razão: Ensaio de Paul Rabinow**. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.